

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *O Popular*

Class.: 126

Data: 13.11.88

Pg.: _____

Extinção ameaça a cultura dos Avá-Canoeiro

Foram 30 anos de perambulação solitária do índio Awa-Guajá pelas matas entre o Maranhão e a Bahia, fugindo da perseguição dos brancos. Karapiru sobreviveu à solidão, mas é difícil garantir que ele resistirá ao avanço da colonização, à chegada dos tratores e à constante ameaça de ataques por parte dos agricultores. Acuados como ele, buscando os últimos relictos do País, cerca de 45 grupos indígenas isolados ainda vivem milagrosamente, imprensados entre as grandes áreas de agricultura e pecuária. A cada animal morto para assegurar a alimentação do grupo, o risco de um massacre e o início de uma nova fuga apavorada e silenciosa. É assim que resistem os Avá-Canoeiro, por exemplo, cujos poucos remanescentes estão concentrados no município goiano de Minaçu, fazendo da região de Serra da Mesa seu principal esconderijo e refúgio.

A pequena família do índio Karapiru, pertencente à oprimida tribo dos Awa-Guajá, foi uma das vítimas dos ataques dos brancos, ocorrido por volta de 1978. Seu filho Tiramucun, à época uma criança de aproximadamente oito anos, foi capturado por agricultores, enquanto o pai fugia tentando salvar a filha. A indiazinha sobreviveu aos tiros, mas acabou morrendo depois, acometida de "uma forte dor de barriga". Karapiru começou então a peregrinar sozinho, aproximando-se das fazendas apenas para buscar seu alimento até que, 10 anos depois, chegou ao povoado baiano de Angical I, onde foi preso após flechar alguns porcos. Resgatado pela Funai, o Guajá mostrou-se totalmente atordoado com a civilização, com a qual teve contato pela primeira vez, ao ser levado para Brasília. Ninguém sabia seu nome e tampouco sua origem, até que um outro jovem Guajá, de 18 a 19 anos, descobriu que Karapiru era seu próprio pai, do qual se afastou depois do ataque de 1978.

EM SILÊNCIO

Se Karapiru passou 10 anos em fuga, os índios Arara, do Pará, viveram durante 30 anos na mesma situação, conta o coordenador do Centro de Atividades Indígenas (CAI), do Instituto Brasil Central

Nômades contra a vontade

Os Avá-Canoeiro, como os demais grupos tupi, não são originalmente nômades, mas acabaram obrigados a adquirir essa característica, como forma de escapar às perseguições, revela o Coordenador do Centro de Atividades Indígenas do Ibrace, afirmando que eles eram agricultores, ceramistas e tecelões. A alternativa para preservar esta pequena tribo, já em extinção, opina Fernando Schiavini, seria a promoção de um trabalho de conscientização junto aos proprietários rurais que vivem em torno da rota de fuga dos índios, já identificada pelos sertanistas, inclusive com o compromisso do Governo Federal em indenizar os animais mortos por eles, de maneira a evitar os ataques constantes.

Em 1985 foi contactado um dos grupos dos Canoeiro, na região de Minaçu, que depois recebeu mais oito remanescentes da tribo, que viviam na aldeia de Canuanã, Ilha do Bananal. Agora são 13 índios na área, além de outros, possivelmente em número de 10, que se refugiam na Mata do Mamão Ilha do Bananal e o grupo de cinco a 10 que perambula entre Minaçu e Unaf, no Estado de Minas Gerais. Esta fragmentação da tribo, explica Schiavini, aconteceu devido às perseguições, como o massacre de 1962, ocorrido na Mata do Café - município de Campinaçu. Do ataque à aldeia restaram apenas quatro índios. Ninguém sabe quantos

(Ibrace), Fernando Schiavini. Apavorados com a possibilidade de serem descobertos, eles passaram muito tempo cortando a língua dos cachorros que os acompanhavam, para que o latido não os denunciasses, e evitando fazer fogo. Em 1982 foram finalmente contactados. Apenas no Estado do Mato Grosso, oito pequenos grupos indígenas resistem de maneira quase idêntica, assistindo à chegada da colonização. O último dos grandes grupos isolados, os Yanomami, que chegam a 10 mil índios, está concentrado na região de Roraima, ameaçado pelos tiroteios e grandes levadas de garimpeiros que chegam na área, afirma Schiavini.

O pavor destes índios do contato com o branco normalmente é resultado das experiências traumáticas já vividas. Os Piaká, por exemplo, que habitam a região do Mato Grosso próxima aos rios formadores do Tapajós, assistiram ao assassinato de 50 de seus membros por parte dos seringueiros, depois de terem sido amigavelmente convidados a comer a carne de um boi. "Estes índios jamais vão querer ou entender a possibilidade de uma aproximação pacífica com os brancos", diz o Coordenador do CAI, narrando a história dramática dos Piaká.

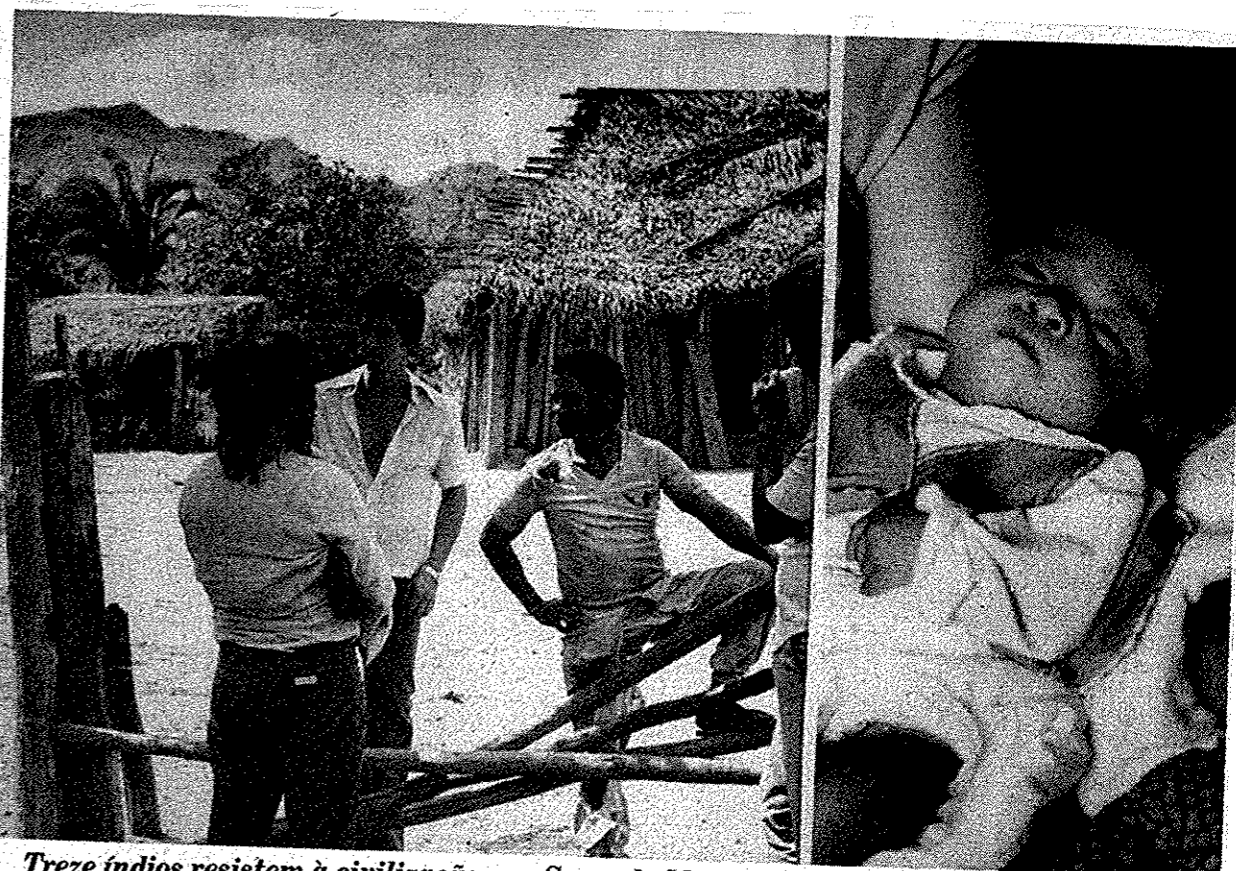
"A experiência destes grupos em se esconder sem deixar vestígios é secular", afirma a assessora de Assuntos Indígenas da Funai, socióloga Eliana Granada, explicando como Karapiru conseguiu sobreviver sozinho na mata durante 10 anos. Segundo Granada, os tupis aprenderam a ser ágeis, deixando vestígios de sua passagem apenas quando o querem. Os Avá-Canoeiro, que habitam as terras goianas, já têm sua rota de fuga, que funciona como um verdadeiro corredor de refúgio. Sua área de esconderijo e perambulação localiza-se especialmente na Serra da Mesa, município de Minaçu, de acordo com Fernando Schiavini. Um dos quatro grupos de que se tem notícia, calculado entre cinco a 10 pessoas, costuma percorrer um trajeto de aproximadamente 600 quilômetros, saindo da nascente do Rio Tocantins, aparecendo nas proximidades de Cavalcante e chegando até a região do São Francisco.

morreram: "Morreu tudo, tudo", revela os sobreviventes aos pesquisadores do Setor de Etnologia do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia da UCG. "Os dedos das mãos não foram suficientes para contar", relatam os pesquisadores.

ABORTOS

A possibilidade de desaparecimento total da tribo começou a tornar-se mais concreta a partir deste ataque. Atemorizados com o risco de novos massacres, os índios passaram a evitar a reprodução através de métodos abortivos, como massagens no útero acreditando que uma criança poderia denunciá-los com o choro no caso de haver a necessidade de fugas. Trumak foi o primeiro a nascer do grupo depois do contato amigável com o banco, em 1985.

"Na verdade, não se sabe há quanto tempo os Avá-Canoeiro vivem nessa correria, sem casa e sem paz", diz Schiavini, lembrando de um tiroteio contra o grupo de Unaf, depois que eles mataram um cavalo puro sangue para se alimentarem. O Coordenador do CAI acredita que há vários séculos eles habitavam o litoral, como os demais povos de língua tupi, e acha que podem ser descendentes dos Tupinambá. Fugindo da Mata Atlântica, eles teriam então chegado ao cerrado, onde resistem fragmentos em pequenos grupos até hoje.



Três índios resistem à civilização, em Serra da Mesa, onde mora Trumak (foto ao lado)